

Orientações ao Processo de Elaboração e Estruturação de um Projeto de Pesquisa Científica



Marco Aurélio Batista de Sousa¹.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma contribuição sucinta ao processo de elaboração e estruturação de um projeto de pesquisa de caráter científico. Com este propósito, buscou-se apresentar e comentar a respeito das principais etapas e elementos que permeiam a composição de um projeto desta natureza. Para tanto, inicialmente destacam-se as considerações iniciais, contextualizando os aspectos fundamentais para o desenvolvimento deste estudo. Na sequência, comenta-se a respeito do projeto de pesquisa e da trajetória de desenvolvimento de suas etapas e elementos em sua confecção. E, por fim, têm-se as considerações finais do trabalho.

Palavras-chave: Projeto de pesquisa, pesquisa acadêmica, elementos da pesquisa.

ABSTRACT

This paper aims to present a brief contribution to the process of preparing and structuring of a scientific research project. To this end, we sought to present and comment on the key steps and element that permeates the composition of a project of this nature. To do so, first there are the opening remarks, contextualizing the fundamental aspects for the development of this study. Following, comments about the research project and its stages of development trajectory and elements in its making. And finally, have been the final considerations.

Key-Words: Research project. Academic research. Research elements

1. INTRODUÇÃO

No desenvolvimento de qualquer atividade, seja ela qual for, é necessário o planejamento e o ordenamento de suas ações, com o propósito de atingir os objetivos previamente definidos.

Especificamente quando se trata de uma pesquisa científica, estas práticas não são diferentes, ou seja, ela também deve seguir uma trajetória para o seu desenvolvimento, ter uma sequência lógica de elementos para responder às indagações e aos anseios do pesquisador, decorrente do objeto ou fenômeno observado. E, assim,

para que seus objetivos possam ser atingidos “é preciso que o pesquisador se comprometa com escolhas metodológicas, procedimentos técnicos e com instrumentos adequados à proposta” (BRASILEIRO, 2012, p. 41).

Diante disto, este trabalho busca apresentar os principais elementos e etapas que devem compor um projeto de pesquisa, a fim de atender as formalidades de um trabalho de natureza científica, mais especificamente a monografia que, de acordo com Fachin (2002), se configura como um ensaio no qual o educando alicerça as bases para um trabalho mais aprofundado, além de ser mais um requisito para a Conclusão de alguns Cursos de Graduação e Pós-graduação, como, por exemplo, os relacionados à área de Administração e Ciências Contábeis.

Para tanto, adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base no levantamento de material já publicado, como: livros, revistas, artigos, entre outros materiais que já se tornaram público sobre o assunto estudado, os quais possibilitaram tomar conhecimento das principais concepções e descobertas do tema e assuntos abordados (MATIAS-PEREIRA, 2010; BRASILEIRO, 2012).

2. PROJETO DE PESQUISA

O projeto é um instrumento facilitador para o desenvolvimento de uma pesquisa. Vergara (1997, p. 15) afirma que “qualquer pesquisa para ser desenvolvida necessita de um projeto, e bem feito, que a oriente”. Mesmo que ele não garanta o “sucesso da investigação, mas sua inadequação, ou sua ausência, certamente, garante o insucesso”.

Ao elaborar o projeto deve-se ter como objetivo principal elucidar as etapas da pesquisa a ser realizada, explicando o motivo ou os motivos que o justifique, a relação existente entre o problema e o contexto social, a fundamentação teórica, a viabilidade e a possibilidade de realizá-lo, e as contribuições que ela irá proporcionar à sociedade em termos teóricos e práticos (VERGARA, 1997; RICHARDSON, 1999). Além de responder “às clássicas questões: O quê? Por quê? Para que e para quem? Onde? Como? Com quê? Quanto e quando? Quem? Com quanto?” (LAKATOS e MARCONI, 1991, p. 215).

O projeto deve, portanto, atender aos elementos denominados de pré-textuais, textuais e pós-textuais. Os pré-textuais, de acordo com Sousa e Beuren (2003, p. 154), representam “aqueles que antecedem o texto, com informações que possam a vir a contribuir na identificação do trabalho”, tais como: capa (obrigatório), folha de rosto (obrigatório), folha de aprovação (obrigatório), resumo (obrigatório) e sumário

(obrigatório). Enquanto os textuais contemplam a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. E, os pós-textuais abrange as referências.

Em relação aos elementos pré-textuais, chama-se a atenção para o resumo que, de acordo com Sousa e Beuren (2003, p. 163), “resulta da condensação de todo o trabalho”. Composto de sequência de frases claras, afirmativas que devem ressaltar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões do estudo. Após a apresentação do resumo, colocam-se as palavras-chaves (entre três a cinco), representativas do conteúdo do trabalho.

A respeito dos elementos textuais, destaca-se que na parte introdutória têm-se a própria introdução do projeto e os assuntos relacionados ao tema, ao problema de pesquisa, ao objetivo geral e os específicos e a justificativa do trabalho. O desenvolvimento, por sua vez, abarca o referencial teórico, a metodologia e a apresentação do resultado. E, a conclusão, conforme o entendimento de Köche (1997), deve apresentar o resultado final da investigação, avaliando seus pontos fracos ou fortes mediante a reunião sintética das principais ideias desenvolvidas. No entanto, como se trata de um projeto, nesta parte busca visualizar os resultados por ele esperado.

E quanto às referências (elemento pós-textual) devem-se apresentar somente aquelas que foram citadas ao longo do trabalho, devendo seguir as normas utilizadas pela Instituição de Ensino na qual esteja vinculado.

Após estes comentários, na sequência dá-se ênfase aos elementos textuais, especificando-os.

2.1 Introdução do projeto

A introdução é a contextualização do projeto, é nesta parte, segundo Sousa e Beuren (2003, p. 170), que devem ser evidenciados “os fatores relevantes que influenciaram a realização do trabalho, especificamente tratando o tema proposto, o ambiente e o contexto que ele está inserido”. Neste momento, o proponente do projeto deve ambientar o leitor da temática a ser tratada, pontuando algumas questões as quais se julga fundamental a este entendimento.

Posteriormente à introdução, têm-se a apresentação do tema e o problema de pesquisa. Neste momento, o proponente do projeto deve explicitar de forma específica as suas pretensões em relação ao assunto principal.

2.2 Tema e problema de pesquisa

Ao iniciar o projeto, é fundamental que já se tenha definido o tema, a fim de delimitar e especificar a pesquisa a ser desenvolvida. Normalmente, a escolha do tema parte do próprio aluno no anseio em realizar um estudo sobre um determinado assunto que lhe interessa, ou do professor que o orienta. Quando o aluno verifica que o tema de seu interesse não é possível de ser desenvolvido, devido às dificuldades quanto à sua execução, pode ocorrer que ele busque outro assunto a ser explorado ou também que aceite a sugestão do professor que, geralmente, sugere um tema com o qual ele esteja familiarizado, a fim de facilitar o estudo. Também pode ocorrer que o orientador lance um desafio ao aluno em desvendar novos horizontes de conhecimento.

Lakatos e Marconi (1991, p. 217) descrevem que o tema “sofre um processo de delimitação e especificação para torná-lo viável à realização da pesquisa”. Portanto, quando de sua escolha, ele deverá ser formulado e delimitado em função da pesquisa e do problema que se pretende responder, além de ser, ao mesmo tempo, original, importante, e viável.

Um tema é original, de acordo com Castro (1978, p. 57) quando os “resultados têm o potencial para nos surpreender”. Resulta na ousadia do pesquisador em buscar novos assuntos que sejam pouco ou que ainda não foram explorados, ou pelo fato de não querer pesquisar algo cujos resultados sejam óbvios.

Quanto à importância do tema, Castro (1978, p. 56) cita que “um tema é importante quando está de alguma forma ligada a uma questão crucial que polariza ou afeta um segmento substancial da sociedade” ou estar “ligado a uma questão teórica que merece atenção continuada na literatura especializada”.

E, por fim, tem-se que analisar a viabilidade do tema, observando, se será possível realizá-lo, tendo como parâmetros os prazos estabelecidos para a pesquisa, os recursos disponíveis, a metodologia utilizada, as dificuldades de coletar dados, de encontrar bibliografia apropriada sobre o assunto, entre outras questões que possam inviabilizar o estudo.

Ao definir o tema, segue-se a formulação do problema de pesquisa que deve ser feito de forma clara, precisa e viável, a fim de que não haja dúvidas sobre o que será observado. Desta forma, é importante delimitá-lo, para que estes aspectos possam ser alcançados e assim, esclarecer “a dificuldade específica com a qual se defronta e que se pretende resolver por intermédio da pesquisa” (LAKATOS e MARCONI, 1991, p. 22). Sumariamente, Gil (1994) menciona que: o problema deve ser expresso de forma interrogativa, delimitado a uma dimensão viável, formulado de maneira clara e explícita, preciso quanto aos limites de sua aplicabilidade e apresentar referências empíricas.

A partir de sua formulação, pode-se então definir e traçar o objetivo geral e os objetivos específicos do trabalho.

2.3 Objetivos da pesquisa

Os objetivos da pesquisa servem para que o proponente do projeto evidencie o que se pretende alcançar com o seu trabalho, podendo ser divididos em geral e específicos. O objetivo geral tem como base o problema de pesquisa e representa aquilo que a pesquisa pretende atingir, segundo Roesch (2006, p. 96), ele “define o propósito do trabalho”.

Os objetivos específicos, por sua vez, “apresentam caráter mais concreto. Têm função intermediária e instrumental, permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplicá-lo a situações particulares” (LAKATOS e MARCONI, 1991, p. 219).

Enquanto, o objetivo geral busca definir, de forma abrangente, o que se pretende realizar com a pesquisa, os objetivos específicos contribuem para que o objetivo geral possa ser alcançado. Tanto um quanto o outro devem ser “realista, considerando tempo e recursos para atingi-los” (ROESCH, 2006, p. 97). Ambos, objetivo geral e objetivos específicos, precisam manter uma coerência entre si, o que pressupõe a harmonização entre eles e a subordinação destes em relação àquele.

Na sequência, o projeto deve expor as justificativas, para que ele possa ser realizado. Identificando quais contribuições a pesquisa irá proporcionar a uma determinada área ou áreas de conhecimento, bem como a extensão destas contribuições ao objeto de análise ou ao fenômeno observado ou mesmo a sociedade como um todo.

2.4 Justificativa teórica e prática da pesquisa

Espaço destinado para destacar o porquê da elaboração do trabalho, apresentando sua relevância no contexto contemporâneo. Deve-se atentar para a oportunidade de realização do trabalho, a viabilidade de sua realização e a importância em realizar a pesquisa. Além de contemplar as contribuições potenciais da pesquisa em nível teórico e prático da pesquisa.

Desde modo, a justificativa de uma pesquisa científica pode ser confirmada por suas contribuições, tanto teóricas quanto práticas, que o estudo pode alcançar. Para Kahlmeyer-Mertens et. al. (2007, p. 50), é neste momento que “se justifica a importância e a validade do problema pesquisado”.

As contribuições teóricas, de acordo com Trujillo Ferrari (1982, p. 169), pretendem “melhorar o próprio conhecimento, o que significa o desenvolvimento de métodos, técnicas e procedimentos que permitam alcançar diagnósticos cada vez mais acurados sobre os problemas ou fenômenos existenciais, ou de estudá-los mais adequadamente”.

No que se refere à contribuição prática, Silva, Pinheiro e Freitas (2002) salientam que a pesquisa deve mostrar os benefícios que os resultados trarão à instituição, seja ela qual for, pois há a necessidade de um *feedback* àqueles que se sensibilizaram por alguma razão à realização da pesquisa e possibilitou a abertura de suas estruturas, para que os pesquisadores pudessem realizá-las.

Kahlmeyer-Mertens et. al. (2007, p. 50) mencionam que estas contribuições também podem ser verificadas mediante as seguintes indagações:

Qual a importância acadêmica desse tema?
Por que ele é tão indispensável e digno de ser tratado?
Quais as contribuições que uma pesquisa que trata do tema poderia trazer à comunidade científica?
Qual a sua relevância acadêmica?
Quais os diferenciais que essa pesquisa oferece diante de outras abordagens sobre o mesmo tema pesquisado?

Ademais, Roesch (2006) afirma que um projeto também pode ser justificado por sua importância, representada pelos próprios objetivos da pesquisa, pela oportunidade em desenvolvê-la e pela viabilidade em sua realização.

Com a justificativa defendida no projeto, pode-se dizer que encerra a primeira parte de apresentação do trabalho e as suas pretensões quanto à pesquisa. Após estas exposições e definições, segue o referencial teórico, o qual destaca os tópicos relevantes a serem trabalhados, tendo, como base, o tema proposto.

3. REFERENCIAL TEÓRICO DO PROJETO

O referencial teórico, o qual compreende a revisão da literatura, pode ser considerado como uma das etapas mais difíceis no trabalho de natureza científica. Ela é fundamental para o desenvolvimento das demais etapas que contemplam o trabalho, além de evidenciar um conjunto de conhecimentos para o entendimento e análise dos resultados obtidos, permite ao acadêmico avanço em seu aprendizado. Vergara (1997, p. 34) explica que nesta etapa “faz, portanto, uma revisão da literatura existente, no que concerne não só ao acerto de teorias e suas críticas, como também a trabalhos realizados que as tomam como referência”.

A quantidade de tópicos a serem apresentados difere de pesquisa para pesquisa, tendo como base os anseios do pesquisador em relação ao tema principal do seu trabalho, a necessidade de estender algum assunto, bem como a profundidade que ele irá estudá-lo e apresentá-lo.

Posteriormente ao referencial teórico, tem-se a explicitação da metodologia da pesquisa que o pesquisador pretende utilizar.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa científica prima pela utilização de métodos e técnicas, entendidos como procedimentos metodológicos os quais a qualificam com bases sólidas, diferenciando-a de outros tipos de pesquisas que nem sempre são elevadas ao mesmo nível de detalhamento, fidedignidade, veracidade, explicação e seriedade com que é tratado o objeto analisado pelos atributos da cientificidade. Com esses preceitos, Asti Vera (1989, p. 8) afirma que, embora “a metodologia não seja uma condição suficiente para o êxito de uma pesquisa, é, sem dúvida, uma condição necessária”.

Com esse entendimento, apresentam-se comentários a respeito das perguntas de pesquisas; do delineamento da pesquisa; da população e amostra; da coleta e análise dos dados e das limitações de um estudo.

4.1 Perguntas de pesquisa

A partir da definição do problema de pesquisa e do estabelecimento dos objetivos, devem-se elaborar as perguntas de pesquisa, que irão nortear o estudo. Trata-se dos objetivos específicos, transformados em perguntas, estas perguntas devem ser respondidas ao final do trabalho, quando de sua conclusão.

4.2 Delineamento da pesquisa

O delineamento da pesquisa representa os meios pelos quais a pesquisa será desenvolvida, “focaliza a maneira pela qual um problema de pesquisa é conceituado e colocado em uma estrutura que se torna um guia para a experimentação, coleta de dados e análise” (KERLINGER, 1980, p. 94). Neste sentido, o delineamento da pesquisa auxilia os pesquisadores na busca de respostas para determinado problema.

Dentre os tipos de pesquisas mais utilizados em um estudo de natureza científica, Triviños (1987), Babbie (1998) e Matias-Pereira (2010) destacam a exploratória, a descritiva e a explicativa. Em relação à exploratória, Tripodi, Fellin e Meyer (1981, p. 64) destacam que as suas principais finalidades são “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias a fim de fornecer hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Ela é considerada “o primeiro passo de todo trabalho científico” (ANDRADE, 2010, p. 112). Enquanto a descritiva, tende a observar, registrar, e analisar e correlacionar fatos, fenômenos, ou mesmo situações, sem a pretensão de manipulá-los, um de seus focos é identificar e destacar as características de determinada população (TRIVIÑOS, 1987; GIL, 1996; CERVO, BERVIAM e DA SILVA, 2007). E, a explicativa, por sua vez, é considerada por Andrade (2002, p. 20) como a mais complexa “pois além de registrar, analisar, classificar e interpretar os fenômenos estudados, procura identificar seus fatores determinantes”.

Após a definição do tipo de pesquisa a ser utilizada, procede à escolha do melhor procedimento para realizá-la. Deste modo, cita-se o estudo de caso e o levantamento, como sendo os mais usuais.

O estudo de caso diz respeito à análise de um ou de poucos objetivos, de maneira a permitir entendimento amplo e detalhado do que está sendo verificado (CHIZZOTTI, 1995). Trata-se de uma investigação empírica que pesquisa fenômenos em uma situação real, onde não se tem o controle dos eventos e das variáveis que abarcam seu contexto, buscando apreender a complexidade de um caso concreto, além de ser uma estratégia indicada para questões de pesquisa do tipo “como” (YIN, 2005; MARTINS 2006).

Em relação ao estudo do tipo levantamento ou *survey*, Freitas et. al. (2000, p. 105) explicam que este pode ser descrito “como a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicando como representante de uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário”.

No que diz respeito à abordagem do problema, os estudos apresentam aspectos qualitativos e ou quantitativos. Os estudos qualitativos são utilizados para descrever a complexidade do problema, analisar a interação de variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vivenciados por grupos sociais, contribuir no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de grupos e possibilitar o entendimento das particularidades dos indivíduos. Enquanto o quantitativo se caracteriza pela utilização da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações como no seu tratamento, por meio de técnicas estatísticas. A intenção, quando do seu emprego, é garantir mais

precisão nos resultados, proporcionando uma margem de segurança quanto às inferências (OLIVEIRA, 1996; RICHARDSON, 1999).

4.3 População e amostra

A população de uma pesquisa, conforme Andrade (2010), corresponde à quantidade total de elementos que constituem o fenômeno que é passível de observação, seja ela qual for. Quando todos esses elementos forem possíveis de serem observados, a pesquisa corresponderá a um censo, que de acordo com Martins (1994, p. 29), “trata de um levantamento de informações de todos os integrantes do universo pesquisado”. Caso contrário, faz-se necessário utilizar-se de uma amostra, que no entendimento de Lakatos e Marconi (1991, p. 223) definem como “uma porção ou parcela, convenientemente selecionada do universo (população), é um subconjunto do universo”.

4.4 Coleta e análise dos dados

A coleta de dados, de acordo com Barbeta (2001, p. 13), “precisa ser cuidadosamente planejada, para que os dados a serem levantados forneçam informações relevantes, em termos dos objetivos da pesquisa”. Com esta preocupação, as pesquisas se utilizam de dados coletados tanto em fontes primárias quanto em fontes secundárias. Os dados de fontes primárias se referem àqueles coletados pelos pesquisadores, por suas incursões realizadas de forma direta ou indireta, no fenômeno observado, utilizando-se de instrumentos de pesquisas para registrar suas observações. Enquanto os de fonte secundária trabalham essencialmente com documentos e tem como objetivo a determinação fiel dos fenômenos, ou de outras fontes já publicadas sobre o assunto que se pretende analisar (RICHARDSON, 1999).

Como exemplos de fontes primárias, destaca-se a observação não participante, o questionário e a entrevista.

Na observação não participante são utilizados os procedimentos sensoriais para adquirir informações a respeito do fenômeno estudado, no entanto, Lakatos e Marconi (1991, p. 190) declaram que esta técnica “não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”.

O questionário, de acordo com Fachin (2002, p. 147), “consiste num elenco de questões que são apreciadas e submetidas a certo número de pessoas com o intuito de obter respostas para a coleta de informações”. Estas questões podem ser abertas,

deixando a cargo de o respondente colocar as informações, ou fechadas, com alternativas a serem respondidas, o que facilita posteriormente a tabulação e as análises dos dados.

E, a entrevista é utilizada para facilitar a proximidade do pesquisador com o entrevistado e coletar dados e informações mais precisas. A vantagem deste instrumento de pesquisa é a flexibilidade que ela dá ao pesquisador, buscando mais informações, além das pretendidas que, por ventura, não possam ser encontradas em registros e fontes documentais, mas que podem ser fornecidas por pessoas na organização (CERVO, BERVIAM e DA SILVA, 2007). Ainda a respeito da entrevista, ela pode ser estruturada, seguindo um roteiro definido pelo pesquisador, sem alterações; semiestruturada, também segue um roteiro, mas, no entanto, há uma flexibilidade em relação às questões e às respostas; e, a não estruturada, que se pode configurar como uma conversa informal com o entrevistado.

Posteriormente à obtenção dos dados de fontes primária e secundária, procede-se a sua organização e análise, considerando as características da pesquisa e dos objetivos estabelecidos. Assim, são utilizadas as técnicas de análise descritiva, para os dados primários e análise documental, para os dados secundários.

Trujillo Ferrari (1982, p. 240) explica que a análise descritiva busca “enumerar ou descrever as características dos fenômenos (coisas, objetos, conhecimento ou eventos) com base em dados protocolares e ideográficos”. Podem assumir tanto a forma verbal, quanto à estatística, ou ainda combinar as duas. Enquanto a análise documental consiste na “observação que tem como objeto não os fenômenos sociais, quando e como se produzem, mas as manifestações que registram estes fenômenos e as ideias elaboradas a partir deles” (RICHARDSON, 1999, p. 230).

Tanto a coleta quanto as análises dos dados podem ocorrer, utilizando-se da técnica denominada de corte transversal ou longitudinal. No corte transversal, segundo Richardson (1999, p. 93), comenta-se que “os dados são coletados em um ponto no tempo, com base na amostra selecionada para descrever uma população”. De forma mais específica à denominação “ponto no tempo”, pode ser um mês, alguns meses ou o momento (período) em que ocorreu a coleta de dados. Já, no longitudinal, não há este recorte, como o próprio nome sugere, é um período mais prolongado para a pesquisa, um ano, um ciclo (dependendo da pesquisa e de seus objetivos).

Posteriormente à escolha da metodologia a ser utilizada no projeto, tem-se a apresentação do cronograma de sua execução e o seu orçamento.

5. CRONOGRAMA E ORÇAMENTO DO PROJETO

O Cronograma é o espaço destinado à estimativa de tempo, o qual o pesquisador julga ser necessário para a execução de cada etapa do projeto. O que pode ser feito por meio de um quadro, onde se expõe as etapas e as relacionadas com os meses do ano. Este elemento é obrigatório no projeto de pesquisa, pois apresenta a organização do pesquisador em relação ao seu trabalho e à distribuição do tempo em realizá-los.

Em relação ao Orçamento, Lakatos e Marconi (1991), é onde se distribui os gastos por vários itens, que incluem o pessoal destinado à pesquisa, os materiais utilizados e os recursos financeiros necessários a sua execução. Vale ressaltar que a exposição e o detalhamento do orçamento no projeto não é algo frequente em projetos de natureza científica, uma vez que muitos deles não têm recursos financeiros envolvidos. Mas, no entanto, se tiver recursos financeiros envolvidos faz-se necessário apresentá-lo, pois, na maioria das vezes, ele é um balizador da viabilidade em realizar as pesquisas.

Na sequência da exposição deste tópico, segue a apresentação dos resultados esperados com o desenvolvimento do seu projeto de pesquisa.

6. RESULTADOS ESPERADOS

Nesta parte, o proponente, mesmo ainda sem colocar em prática o seu projeto, deve entremosntrar quais os possíveis resultados que o seu trabalho irá proporcionar à área de conhecimento a ser pesquisada, bem como a extensão destes resultados ao objeto de análise, ou fenômeno observado. De forma mais específica, quais as contribuições passíveis de serem percebidas quando da realização do seu trabalho, e o impacto que elas irão proporcionar à sociedade.

7. CONCUSÃO

O projeto de pesquisa é fundamental na elaboração e no desenvolvimento de um trabalho científico, como, por exemplo, a monografia. Nele deve estar exposto todo o procedimento e caminho necessário, para que o pesquisador possa atingir o seu objetivo e assim contribuir para a evolução da ciência.

No entanto, além de se atentar para os elementos que compõem o projeto de pesquisa, faz-se necessário que o pesquisador verifique as normas de apresentação destes conteúdos, conforme as orientações de instituição de ensino e/ou pesquisa que

pretende apresentá-lo, pois pode haver modificações. Estas modificações, no entanto, ocorrem em relação à área de apresentação do projeto, a formatação do trabalho, a quantidade de páginas que deve ter, o formato e o tamanho da letra. Mas, os elementos apresentados neste trabalho, praticamente não tende a se alterar, principalmente na área de Administração e Ciências Contábeis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções e prática**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ASTI VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Globo, 1989.

BABBIE, E. **The practice of social research**. California: Wadsworth Publishing Copany, 1998.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 4^o ed. Florianópolis: editora da UFSC, 2001.

BRASILEIRO, A. M. M. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2012.

CASTRO, C. M. **A prática da pesquisa**. São Paulo: MacGraw-Hill do Brasil, 1978.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P.A; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

FACHIN, O. **Fundamentos da metodologia**. São Paulo: Atlas, 2002.

FREITAS, H; OLIVEIRA, M; SACCOL, A. Z; MOSCAROLA, J. O método de pesquisa *survey*. **Revista de Administração**. São Paulo: v. 35, n. 3, p. 105-112, jul./set, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

KAHLMAYER-MERTENS, R. FUMANGA, M. TOFFANO, C. B. SIQUEIRA, F. **Como elaborar projeto de pesquisa: linguagem e método**: Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. São Paulo: EPU. 1980.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAKATOS, E. M e MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas. 1991.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, G. A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 1994.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia de pesquisa científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NASCIMENTO, D. M. **Metodologia do trabalho científico**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio de uma pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudo de caso**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SILVA, Â. M; PINHEIRO, M. S. F; FREITAS, N. E. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, monografias, dissertações, teses**. 2. ed. Uberlândia: UFU, 2002.

SOUSA, M. A. B.; BEUREN, I. M. Apresentação e estruturação do trabalho monográfico de acordo com as normas da ABNT. In: BEUREN, I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2003, p. 145-183.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas: 1987.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

VERGARA, S. C. **Projeto e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

YIN, R. K. Estudo de caso: **planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.